



Tiago Azevedo Marot

**Autoconceito de Personalidade e
Percepção de Pessoas: relações
entre autopercepção e heteropercepção**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Jean Carlos Natividade



Tiago Azevedo Marot

**Autoconceito de Personalidade e
Percepção de Pessoas: relações
entre autopercepção e heteropercepção**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Jean Carlos Natividade

Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Daniel Correa Mograbi

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. José Augusto Evangelho Hernandez

UERJ

Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 2021.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Tiago Azevedo Marot

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) com início em 03/2020. Bolsista CNPq. Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Membro do Grupo de Pesquisa L2PS – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Social. Sócio fundador da Quantitativa(mente), consultoria em análises de dados quantitativos.

Ficha Catalográfica

Marot, Tiago Azevedo

Autoconceito de personalidade e percepção de pessoas : relações entre autopercepção e heteropercepção / Tiago Azevedo Marot ; orientador: Jean Carlos Natividade. – 2021.

67 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Esquema. 3. Autoesquema. 4. Autoconceito. 5. Efeito de autorreferência. 6. Personalidade. I. Natividade, Jean Carlos. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

Bia, pelos mais de sete anos de companheirismo, por todo o conforto e carinho que você me dá. Sua bondade me inspira.

Meus pais, por me darem toda a segurança que eu preciso. Ter a quem recorrer em momentos difíceis não é passível de descrição.

Jean, pela compreensão que teve comigo durante o período turbulento do mestrado. Além disso, por estar sempre me auxiliando na busca pela excelência profissional durante os quatro anos de laboratório. Não é fácil, mas vale a pena.

Miriã, Felipe, Rafael e Nathalia, por compartilharem da parentalidade da Quantitativa(mente) comigo. Nossa filha nasceu na pandemia e serve como marco tanto literal quanto figurado da minha busca por independência e ocupar o meu espaço no mundo.

Arthur, por ser meu primeiro parceiro do laboratório e por me mostrar que, por mais que as coisas pareçam distantes, a gente é capaz de alcançá-las. Você é um exemplo para mim.

Nathalia, por toda parceria que tivemos desde sua entrada no laboratório. Pelas inúmeras conversas que tivemos sobre momentos de conquistas e incertezas. Os insights que saem das nossas conversas são inigualáveis.

Thainá, por me acolher em um momento de muito sofrimento e pela amizade que floresceu na pandemia.

Maurício, por me ajudar a caminhar no (nada confortável) caminho do amadurecimento pessoal.

CNPq e PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Resumo

Marot, Tiago Azevedo; Natividade, Jean Carlos. **Autoconceito de Personalidade e Percepção de Pessoas: relações entre autopercepção e heteropercepção**. Rio de Janeiro, 2020. 67 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esquemas são estruturas mentais que organizam informações e influenciam processos cognitivos como a atenção e a recordação. Os esquemas que dizem respeito às próprias pessoas são chamados de autoesquemas. Informações relevantes para os autoesquemas podem ser mais facilmente recordadas. Assim, quando pessoas observam comportamentos característicos do seu autoesquema, elas tendem a recordar em maior grau essas informações. Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo verificar relações entre traços pessoais de personalidade e traços de personalidade recordados de terceiros. Participaram da pesquisa 4.488 pessoas, sendo 66,4% mulheres e 33,6% homens e com média de idade de 27,8 anos ($DP = 9,17$). Foi realizado um experimento com duas condições em que as pessoas liam a descrição de uma pessoa e, posteriormente, eram solicitadas a recordar as características dessa pessoa. A diferença entre as condições era o gênero da pessoa descrita. Os resultados indicaram que a maior parte dos efeitos encontrados ocorreram nas condições em que o gênero das pessoas foi compatível com o da personagem. Para os fatores extroversão e socialização verificou-se o efeito de autorreferência na recordação. Na condição em que os participantes leram sobre uma pessoa do mesmo gênero, verificou-se que uma proporção maior de homens baixos em extroversão recordou de características de extroversão; e uma proporção maior de mulheres altas no fator socialização recordou de características de socialização. Esses achados permitem concluir que, para contextos complexos, o efeito de autorreferência se sobressai para os traços diretamente relacionados à interação social.

Palavras-chave

Esquema, autoesquema, autoconceito, efeito de autorreferência, personalidade

Abstract

Marot, Tiago Azevedo; Natividade, Jean Carlos (advisor). **Self-Concept of Personality and Perception of People: relationships between self-perception and hetero perception.** Rio de Janeiro, 2020. 67 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Schemas are mental structures that organize information and influence cognitive processes such as attention and recall. Schemas that concern people themselves are called self-schemas. Information relevant to self-schemas can be more easily recalled. Thus, when people observe behaviors characteristic of their self-schema, they tend to recall this information to a greater degree. Thus, this research aimed to verify the relationships between personal personality traits and personality traits remembered by others. Participated in the research 4,488 people, 66.4% women and 33.6% men, with a mean age of 27.8 years ($SD = 9.17$). An experiment was carried out with two conditions in which people read a person's description and were later asked to recall that person's characteristics. The difference between the conditions was the gender of the person described. The results indicated that most of the effects found occurred in conditions in which the people's gender was compatible with the character's. For the extraversion and socialization factors, the effect of self-reference on recall was verified. In the condition where the participants read about a person of the same gender, it was found that a greater proportion of men who were low in extraversion recalled characteristics of extraversion; and a greater proportion of women high in the socialization factor recalled socialization characteristics. These findings allow us to conclude that, for complex contexts, the self-reference effect stands out for traits directly related to social interaction.

Key words

Schema, self-scheme, self-concept, self-reference effect, personality

Sumário

1. Introdução.....	13
2. Referencial teórico.....	12
2.1 Justificativa.....	21
3. Objetivos.....	23
3.1 Objetivo Geral	23
3.2 Objetivos Específicos	23
3.3 Hipóteses	23
4. Método.....	24
4.1 Participantes	24
4.2 Instrumentos	24
4.3 Procedimentos	26
5. Resultados.....	29
6. Discussão	48
7. Conclusão	54
8. Referências	57
9. Apêndice.....	63
9.1 Questionário	63

Lista de Figuras

Figura 1 – Modelo de Mediação.....	45
------------------------------------	----

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Frequência de participantes nas condições experimentais.....	28
Tabela 2 – Coeficiente de concordância entre juízes.....	28
Tabela 3 – Correlação entre contagem de citação e níveis dos fatores de personalidade para gênero oposto.....	29
Tabela 4 – Correlação entre contagem de citação e níveis dos fatores de personalidade para o mesmo gênero.....	29
Tabela 5 – Qui-quadrado entre esquemático em socialização para homens.....	31
Tabela 6 – Qui-quadrado entre esquemático em extroversão para homens.....	32
Tabela 7 – Qui-quadrado entre esquemático em realização para homens.....	33
Tabela 8 – Qui-quadrado entre esquemático em neuroticismo para homens.....	34
Tabela 9 – Qui-quadrado entre esquemático em abertura para homens.....	35
Tabela 10 – Qui-quadrado entre esquemático em socialização para mulheres.....	36
Tabela 11 – Qui-quadrado entre esquemático em extroversão para mulheres.....	37
Tabela 12 – Qui-quadrado entre esquemático em realização para mulheres.....	38
Tabela 13 – Qui-quadrado entre esquemático em neuroticismo para mulheres.....	39
Tabela 14 – Qui-quadrado entre esquemático em abertura para mulheres.....	40
Tabela 15 – Descritivas em extroversão entre homens e mulheres.....	42
Tabela 16 – Descritivas em socialização entre homens e mulheres.....	42
Tabela 17 – Descritivas em neuroticismo entre homens e mulheres.....	42
Tabela 18 – Descritivas em abertura entre homens e mulheres.....	42
Tabela 19 – Descritivas em realização entre homens e mulheres.....	43

Every adversity, every failure, every
heartache carries with it the seed of an
equal or greater benefit

1

Introdução

Os esquemas são estruturas mentais organizadas por conteúdo específicos e interconectados derivados de experiências passadas que influenciam a interpretação, a retenção e a recordação de informações (Bartlett, 1932; Cantor, 1990). Para Bartlett (1932), os esquemas influenciam as memórias de modo com que componentes relevantes para o indivíduo sejam codificados de forma não tão exata como se apresentou. Uma vez formados, os esquemas guiam seu detentor em seus processos atencionais e mnemônicos (Bartlett, 1932; Cantor, 1990). Dessa maneira, os esquemas são entendidos como mecanismos cognitivos que podem levar os indivíduos a vieses perceptivos, caracterizando, portanto, o processamento de informação como um processamento *top-down* (tipo de processamento em que informações pré-existent interferem na interpretação de novos estímulos) (Carlston & Smith, 1996). Os esquemas podem se referir a quaisquer fenômenos e objetos do mundo. Por exemplo, as pessoas têm esquemas sobre roupas, livros, amigos, opiniões, papéis sociais, senso de identidade etc.

Dentre os esquemas que uma pessoa forma ao longo da vida, um deles destaca-se por se referir à própria pessoa (self): os autoesquemas. Os autoesquemas podem ser entendidos como uma forma de representação do eu a partir da associação de conceitos ao eu (self), um esquema sobre si. Os estudos sobre autoesquema têm revelado que a autopercepção de características de personalidade pode influenciar na percepção sobre a personalidade de terceiros (e.g., Markus, Smith, & Moreland, 1985; Rogers, Kuiper, & Kirker, 1977). Em outras palavras, a impressão formada sobre o outro é percebida e recordada de

maneira enviesada de acordo com os autoesquemas. Além disso, a avaliação sobre o autoesquema (a autoestima), a associação do self a afetos positivo ou negativo, pode impactar em processos cognitivos envolvidos na percepção e recordação. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo verificar relações entre traços pessoais de personalidade e traços de personalidade recordados de terceiros, bem como avaliar o papel moderador da autoestima nessa relação.

2

Referencial teórico

Os esquemas são um dos modelos de representações mentais que buscam compreender a estrutura de conhecimento na mente humana (Carlston, 2010). Esses modelos entendem que as representações mentais são os blocos que constroem o sistema mnemônico humano (Carlston, 2010). As representações são entendidas como codificações de informações sobre as quais os indivíduos podem construir, reter, acessar e usar de diferentes formas (Smith, 1998). Mais precisamente, as representações mentais são estruturas cognitivas que refletem conhecimentos e experiências adquiridas por meio de interações com a realidade. Assim, os esquemas fornecem material sobre o qual os processos cognitivos operam e interagem com a realidade (Bartlett, 1932; Carlston, 2010). Os modelos de representação mental buscam explicar como as representações mentais são, como são formadas, organizadas e recuperadas (Carlston, 2010). A presente pesquisa utilizou o modelo de representação mental denominado Teoria dos Esquemas.

A Teoria dos Esquemas propõe que o conhecimento pode ser representado por meio de esquemas. Os esquemas podem ser entendidos como redes de associações de conceitos que representam diferentes objetos. Smith (1998) indica nove pressupostos fundamentais da Teoria dos Esquemas: 1 - Pressuposto da Representação Fundamental: o esquema é uma estrutura cognitiva que representa um conhecimento genérico abstrato de um conceito ou estímulo específico (ver também Fiske & Taylor, 1991). 2 - Conhecimento Abstrato: esquemas representam conhecimento geral e não episódicos de contextos específicos. 3 - Ativação: o esquema pode ser ativado por pensamento explícito ou pelo encontro

de um estímulo externo. A ativação do esquema é dicotômica, ou ele está ou não está ativado. Uma vez ativado, o esquema disponibiliza todo o conhecimento nele contido. 4 - Nível de Acessibilidade: os níveis de acessibilidade dos esquemas podem variar de esquema para esquema. O nível de acessibilidade é influenciado pela frequência de uso do esquema. Alta acessibilidade significa que o esquema pode ser mais facilmente ativado e utilizado. 5 - Independência das Unidades: os esquemas são independentes uns dos outros e não são interconectados. Logo, se um esquema é ativado, não necessariamente um outro esquema será. 6 - Função Interpretativa dos Esquemas: o papel primário de um esquema ativado é influenciar na interpretação de informações. Dessa forma, avaliações e julgamentos são influenciados por esquemas. 7 - Função Atencional dos Esquemas: os esquemas ativados podem influenciar o foco atencional para informações consistentes ou para informações inconsistentes para dar-lhes um processamento especial. 8 - Função Reconstitutiva de Recuperação de Esquemas: esquemas podem influenciar a recuperação de memórias e julgamentos. Eles servem como pistas que podem facilitar a recordação de informação consistente com esquemas. Podem também servir para adivinhar e reconstruir quando a recordação é falha ou ambígua. 9 - Efeitos Pré-Conscientes (automático/não deliberado): os efeitos dos esquemas geralmente ocorrem em nível pré-consciente, *automático, não deliberado*. Logo, o indivíduo tende a crer que sua interpretação é representativa da realidade como ela é e não se dá conta da distorção perceptiva causada pelos esquemas. Esses pressupostos possuem base empírica em diversos experimentos.

Dentre esses pressupostos, três têm aplicação direta sobre a recordação de características de terceiros (memória de pessoas). São eles: o nível de

acessibilidade (pressuposto 4), a função interpretativa (pressuposto 6) e a função reconstrutiva de recuperação (pressuposto 8). Um estudo conduzido por Higgins, King e Marvin (1982) exemplifica o pressuposto do nível de acessibilidade dos esquemas (pressuposto 4) na memória de pessoas. A acessibilidade é entendida como a facilidade ou rapidez com que certo esquema é acessado (Bruner, 1957). O estudo de Higgins et al. (1982) mostrou que, a depender do nível de acessibilidade dos esquemas, a impressão formada a respeito da personalidade terceiros variava. Mais especificamente, as pessoas que tinham certo esquema mais acessível eram mais sensíveis às informações relevantes a esse esquema durante a formação de impressão do que as pessoas em que o mesmo esquema era menos acessível (Higgins et al., 1982).

Contudo, não é apenas o pressuposto quatro que o estudo de Higgins et al. (1982) ilustra. Nota-se que a função reconstrutiva de recuperação (pressuposto 8) também é demonstrada uma vez que os participantes foram solicitados a recordar uma descrição previamente dada sobre uma pessoa. Os resultados mostraram que pessoas com determinados esquemas mais acessíveis recordaram de características da pessoa relacionadas a esses mesmos esquemas (Higgins et al., 1982).

Os autoesquemas são “generalizações cognitivas sobre o eu, derivadas de experiências passadas, que organizam e guiam o processamento de informações relevantes para o eu contidas nas experiências sociais do indivíduo” (Markus, 1977, p. 64). Markus (1977) ainda acrescenta que os autoesquemas derivam de comportamentos que são categorizados e avaliados constantemente pela própria pessoa. Dessa forma, o indivíduo percebe constâncias em seu comportamento e atribui a ele causas disposicionais. Os autoesquemas também interferem na

percepção do indivíduo fazendo com que ele dê mais importância às informações que tenham relação com os autoesquemas. Além disso, ressalta-se que os autoesquemas são compreendidos como redes de associações entre conceitos que são associados ao Eu (Bartlett, 1932).

Ainda a respeito dos autoesquemas, Markus et al. (1985) classificam os indivíduos de acordo com a força com que esquemas de um domínio específico estão associados ao eu. Eles denominam como esquemáticos aquelas pessoas cujos esquemas de um domínio são fortemente associados ao eu, e classificam como asquemáticos aqueles cujos esquemas não apresentam forte associação com o eu (Markus et al., 1985). Assim, Markus et al. (1985) fazem uma analogia em que os indivíduos esquemáticos em masculinidade, por exemplo, podem ser considerados como experts no que se refere a esse domínio, enquanto os asquemáticos são vistos como amadores. Os experts, então, são caracterizados por fazerem julgamentos mais rapidamente e acuradamente quando em situações em que informações sobre seu domínio de expertise se fazem presentes, lembram melhor das informações, fazem inferências e julgamentos consistentes com o autoesquema e são resistentes a informações errôneas sobre si (Markus, 1977). Os pesquisadores discutem também que os experts tendem a organizar os diferentes comportamentos que dizem respeito a um mesmo traço em uma unidade cognitiva geral. Os amadores, por outro lado, não têm todas essas características apresentadas.

Fazendo um paralelo com os pressupostos de Smith (1998), os estudos de Markus (1977) trazem evidências empíricas que suportam os pressupostos de nível de acessibilidade (pressuposto 4), da função interpretativa (pressuposto 6), da função reconstrutiva de recuperação (pressuposto 8). Mais ainda, pode-se

entender que as pessoas que Markus (1997) classifica como experts podem ser consideradas pessoas com alto nível de acessibilidade aos esquemas.

Um dos primeiros estudos que verificou a influência dos autoesquemas sobre a recordação de informações foi o de Rogers et al. (1977). Os resultados da pesquisa revelaram que as pessoas apresentavam maiores taxas de recordação de adjetivos coincidentes com seus autoesquemas. O nome desse fenômeno ficou conhecido como Efeito de Autorreferência e é definido como a tendência à melhor retenção e recordação de informações associadas aos autoesquemas (Rogers et al., 1977). Estudos subsequentes tiveram resultados alinhados à hipótese da influência sistemática dos autoesquemas sobre o processamento de informação (e.g., Markus et al., 1985; Sentis & Burnstein, 1979).

Outro conceito intimamente relacionado ao autoesquema é o autoconceito. Greenwald et al. (2002) definem o autoconceito como a associação do conceito de Eu a outros conceitos/atributos, ou seja, o autoconceito seria o agrupamento de todas as redes de associação de conceitos com o Eu (autoesquemas) (Stein, 1995). Assim, entende-se que o autoconceito organiza experiências passadas e é usado na organização e interpretação de estímulos sociais relevantes (Markus et al., 1985). Outra característica importante do autoconceito é ter tanto autoesquemas mais rígidos que são mais centrais ao indivíduo quanto autoesquemas mais periféricos e mais dependentes do contexto (Markus & Wurf, 1987). Alguns esquemas que tendem a ser mais centrais aos indivíduos são seus autoesquemas de gênero, de papéis sociais, de atributos físicos e de personalidade (Stein, 1995).

No que diz respeito a personalidade, a fração do autoconceito dos indivíduos que se refere a ela é conhecida como autoconceito de personalidade (Asendorpf, Banse, & Mücke, 2002). O autoconceito de personalidade é definido

como o agrupamento de todos os conceitos ligados ao self (autoesquemas) que descrevem atributos de personalidade (Asendorpf et al., 2002). Esses atributos se caracterizam por serem individuais, relativamente estáveis e não patológicos (Asendorpf et al., 2002). Como a personalidade é caracterizada por sua relativa estabilidade (Paunonen & Hong, 2015), entende-se, portanto, que os autoesquemas relativos a ela também o são, uma vez que eles são as unidades base que a compõem.

Atualmente, a compreensão da personalidade se dá de diversas formas. Uma das mais utilizadas e estudadas é o modelo dos Cinco Grandes fatores de personalidade. Os cinco fatores de personalidade são agradabilidade/socialização, extroversão, conscienciosidade/ realização, neuroticismo, abertura a experiências. A agradabilidade/socialização é caracterizada pela tendência à empatia e a comportamentos pró-sociais; a extroversão engloba aspectos relativos à estimulação social e à comunicação com outras pessoas; a conscienciosidade/realização diz respeito ao grau em que o indivíduo é organizado, determinado e persistente para o cumprimento de metas e objetivos; o neuroticismo se refere à tendência individual de experimentar instabilidade emocional de forma intensa; a abertura retrata o interesse da pessoa por arte, estímulos intelectuais e busca por variedades de experiências (Andrade, 2008; Hauck Filho, Machado, Teixeira, & Bandeira, 2012; John, Naumann, & Soto, 2010; Natividade & Hutz, 2015; Nunes, Hutz, & Nunes, 2010).

As primeiras décadas de estudos que investigaram o Efeito de Autorreferência se debruçaram principalmente na influência do autoconceito de personalidade sobre a recordação de informações relacionadas à personalidade (Symons & Johnson, 1997). Por exemplo, o artigo seminal de Markus (1977)

mostrou que indivíduos esquemáticos quanto à independência/dependência selecionaram mais palavras condizentes com seus autoconceitos de personalidade, relataram um maior número de exemplos comportamentais congruentes com seu autoconceito e discordavam em maior grau de feedbacks errôneos sobre suas características de personalidade do que indivíduos asquemáticos.

Em um estudo recente, Howell e Zelenski (2017) encontraram que os indivíduos que indicaram que comportamentos ligados ao fator de personalidade Conscienciosidade/ Realização os descreviam adequadamente recordaram com mais frequência as palavras relativas a esse fator de personalidade comparadas a outras palavras. Além disso, os resultados indicaram que os participantes que se sentiam descritos por comportamentos relacionados à Conscienciosidade/Realização indicaram erroneamente e com maior frequência outras palavras relacionadas ao fator Conscienciosidade/Realização que não estavam presentes na lista inicialmente apresentada (i.e., criaram falsas memórias).

Em face do grande volume de estudos que investigaram o Efeito de Autorreferência, Symons e Johnson (1997) realizaram uma metanálise a fim de identificar o que os resultados dos estudos primários revelavam. Dentre os resultados, destaca-se que o Efeito de Autorreferência se demonstrou robusto em tarefas em que os respondentes deveriam recordar as palavras que eles haviam visto previamente e que esses resultados são ainda mais fortes quando a recordação é feita após um longo tempo de espera ou após uma tarefa distratora.

Outra característica individual importante de se considerar no Efeito de Autorreferência é o gênero do observador e do observado. Devido a sua importância para o autoesquema individual o termo “esquema de gênero” se tornou amplamente conhecido e estudado após o estudo de Bem (1981). De fato,

Bem relatou que o esquema de gênero é tão central para os indivíduos que ele envia o processamento e armazenamento de informação em termos de masculinidade e feminilidade. Ou seja, o autoconceito do indivíduo se organiza com base em seu gênero. O estudo posterior de Markus, Crane, Bernstein & Siladi (1982) ilustra a influência dos autoesquemas de gênero sobre a memória, a velocidade de processamento e confiança de julgamento. Assim, paralelamente ao autoconceito de personalidade, entende-se que o autoconceito de gênero também exerce influência sobre o processamento de informação.

Por fim, o último conceito intrinsecamente relacionado ao autoconceito é a autoestima. Ela é entendida como uma avaliação que o indivíduo faz a respeito de seu autoconceito (Rosenberg, 1965). Dessa forma, uma pessoa que apresenta uma atitude forte e positiva sobre o seu autoconceito é denominada como alguém com elevada autoestima. Do contrário, pessoas que avaliam negativamente seu autoconceito são classificadas como pessoas com baixa autoestima. Além da autoestima ser intimamente relacionada ao autoconceito, ela também pode interferir no Efeito de Autorreferência.

A pesquisa de Leshikar e Gutchess (2015) ilustra a interação que ocorre entre a valência de uma impressão formada e o Efeito de Autorreferência. Nessa pesquisa, os autores realizaram experimentos para avaliar como a valência de uma impressão formada sobre uma pessoa influenciava a recordação. Os resultados da pesquisa indicaram que, para pessoas cujas impressões formadas foram positivas, o nível de recordação foi mais elevado quando havia semelhança entre o respondente e a pessoa alvo do que quando havia disparidades. Da mesma forma, quando a impressão formada era negativa, os participantes com características similares tiveram uma recordação inferior do que das pessoas com características

distintas. Dito de outra forma, quando havia semelhanças entre o observador e o observado e a atitude frente à pessoa era positiva, os processos de retenção e recordação foram facilitados, enquanto, para pessoas com diferenças individuais maiores, esses processos ocorreram em menor grau.

2.1

Justificativa

A fim de cobrir lacunas nas pesquisas anteriores (ver Howell & Zelenski, 2017), este estudo utilizou-se de tarefas de recordação livre de características, em vez de fornecer uma lista de palavras e solicitar que a pessoa selecione aquelas que foram mostradas anteriormente. Esse procedimento se torna vantajoso por exigir mais da memória dos respondentes sobre a impressão formada. Outra característica típica das pesquisas é a apresentação de descritores de personalidade em meio de uma lista de palavras em que os respondentes deveriam indicar se aquelas palavras os representavam ou não (Markus et al., 1985). Neste estudo, foi utilizado um teste objetivo de personalidade para aferir os traços de personalidade dos participantes.

Ainda, a presente pesquisa investigou simultaneamente cinco traços de personalidade. Isso se torna relevante uma vez que as pesquisas prévias estudaram traços separadamente (e.g., Howell & Zelenski, 2017; Markus et al., 1985). Isto posto, uma tarefa experimental mais complexa e próxima da realidade social traz novas contribuições para o campo da Cognição Social. Segundo Sui e Humphreys (2017) o estudo da influência dos autoesquemas têm recebido mais atenção nas áreas das neurociências. Por isso, este estudo traz para a área da Cognição Social uma retomada do estudo do Efeito de Autorreferência.

Essa pesquisa traz também avanços com potenciais impactos em outras áreas. Um exemplo são as pesquisas que utilizam o hetero relato. Isso porque o hetero relato se baseia nas respostas de terceiros sobre uma pessoa. Dessa forma, possíveis vieses individuais podem agir inflando os índices usados para avaliar as relações entre o auto e o hetero relato. No campo clínico, o Efeito de Autorreferência poderá auxiliar profissionais na utilização de diferentes métodos

para adquirir informações dos pacientes de maneira indireta. Por exemplo, pode-se solicitar ao paciente que leia um trecho em que uma pessoa é descrita e pedir para que ele identifique os aspectos mais importantes para a pessoa. Isso permite uma avaliação indireta de características que os pacientes possam vir a ter. O estudo de LeMoult e Gotlib (2019), por exemplo, ilustra que pacientes com sintomas depressivos recordam mais facilmente de atributos negativos do que atributos positivos. Além disso, a terapia do esquema, desenvolvida por Young e Brown (1990), baseia-se nos estudos a respeito de esquemas e os utiliza para guiar os tratamentos com os pacientes. Dessa maneira, o presente estudo pode contribuir de forma mais direta para essa abordagem psicoterápica ao trazer evidências dos efeitos dos autoesquemas de personalidade na recordação da personalidade de terceiros.

Os achados dessa pesquisa podem gerar desdobramentos em contextos em que a primeira impressão pode ter grandes impactos. Por exemplo, em uma situação de entrevista de emprego, um entrevistado que apresenta características parecidas com a do entrevistador pode ser visto mais positivamente do que outro entrevistado cujas características não têm o mesmo nível de similaridade (Barrick et al., 2012). Conhecer esses efeitos pode ajudar a desenvolver estratégias para reduzir possíveis vieses.

3

Objetivos

3.1

Objetivo Geral

Verificar relações entre gênero, traços pessoais de personalidade, autoestima e traços de personalidade recordados de terceiros.

3.2

Objetivos Específicos

Objetivo específico 1: Verificar as relações entre gênero dos participantes, gênero dos terceiros, características do indivíduo e a lembrança de características semelhantes ao indivíduo.

Objetivo específico 2: Verificar as relações entre os níveis de certo fator de personalidade e a frequência de recordação de características desse fator.

Objetivo específico 3: Verificar o poder moderador da autoestima na relação entre recordar certo fator de personalidade e os níveis desse fator.

3.3

Hipóteses

Hipótese 1: A recordação de características semelhantes ao indivíduo será maior para pessoas que lerem um texto sobre alguém do mesmo gênero do que para as pessoas que lerem sobre alguém do gênero oposto.

Hipótese 2: Pessoas altas em um fator de personalidade lembrarão dos adjetivos desse fator mais frequentemente do que pessoas baixas nesse fator.

Hipótese 3: A relação entre lembrar do fator de personalidade e os níveis desse fator será moderada pela autoestima, tal que altos níveis de autoestima fortalecerão essa relação.

4

Método

4.1

Participantes

Participaram da pesquisa 4.488 pessoas, sendo 66,4% ($n = 2.982$) mulheres e 33,6% ($n = 1.506$) homens. A média de idade da amostra foi de 27,8 anos com um desvio-padrão de 9,17. Em relação à raça/cor/etnia, 74,1% ($n = 3.327$) da amostra se autoconsiderava branca, 17,1% ($n = 766$) parda, 4,0% ($n = 178$) preta, 1,6% ($n = 73$) amarela, 0,4% ($n = 19$) indígena e 2,8% ($n = 125$) não quiseram informar e estantes se autodeclaravam negras, indígenas, amarelas ou não quiseram informar. A respeito da escolaridade máxima, 20,6% ($n = 924$) tinham até uma pós-graduação completa, 12,1% ($n = 541$) tinha até uma pós-graduação incompleta, 14,6% ($n = 656$) tinham até o ensino superior completo, 47,9% ($n = 2.149$) tinham até o ensino superior incompleto, e os demais 4,9% ($n = 218$) tinham até o ensino médio completo. Por fim, em relação ao local de residência dos participantes, 52,9% ($n = 2.373$) da amostra era da região Sul do Brasil, 24,3% ($n = 1089$), da região Sudeste, 12,5% ($n = 561$), da região Nordeste, 3,5% ($n = 157$), da região Norte, 5,5% ($n = 247$), da região Centro-Oeste e 1,3% ($n = 157$) estavam fora do Brasil.

4.2

Instrumentos

O questionário foi elaborado e disponibilizado pela internet por meio de uma plataforma de coleta de dados. Ele continha perguntas a respeito de características sociodemográficas, a tarefa experimental, perguntas-controle referentes à tarefa experimental, a escala de Autoestima de Rosenberg (Hutz &

Zanon, 2011), a escala reduzida de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (Ribas, Moura, & Hutz, 2004) e a Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes et al., 2010).

Tarefa experimental.

Os participantes foram solicitados a ler um texto em que uma pessoa fictícia com altos níveis de Socialização, Extroversão, Abertura, Realização e baixos níveis de Neuroticismo foi descrita. Suas características foram criadas a partir das definições dos fatores de personalidade descritas na Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes et al., 2010). Esse texto teve duas formas, uma em que a pessoa descrita era um homem e outra com uma mulher (variável independente de dois níveis). Todas as outras informações eram idênticas, exceto o gênero da pessoa fictícia. Cada participante deveria ler apenas uma condição e sua alocação à condição era aleatória. Após a leitura, em uma nova página, os participantes respondiam às seguintes perguntas controle: você leu completamente a descrição da pessoa? (opções de resposta: Sim, Não); indique quão bem você conseguiu imaginar a pessoa descrita acima (opções de resposta: Muito mal, Mais ou menos, Muito bem). Em seguida, foi solicitado aos participantes que respondessem as escalas de autoestima e de desejabilidade social. Depois, solicitava-se que os participantes descrevessem quais recordações eles tinham da pessoa descrita no texto lido anteriormente (variável dependente). Essa pergunta foi seguida de uma última pergunta controle: Você utilizou apenas a sua memória como recurso para responder as questões acima? (opções de resposta: Sim, Não). Por fim, os participantes responderam a Bateria Fatorial de Personalidade. A tarefa experimental pode ser vista no Apêndice.

Escala Reduzida de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (Crowne

& Marlowe, 1960; adaptada para o Brasil por Ribas, Moura, & Hutz, 2004). Essa escala é composta por 13 itens que aferem o nível de desejabilidade social do indivíduo. Os respondentes devem indicar para cada item se eles são verdadeiros ou falsos a respeito deles mesmos. No estudo de adaptação, o fator explicou 47,9% da variância dos dados e obteve índice de consistência interna KR20 = 0,78.

Escala de Autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1965; adaptada para o Brasil por Hutz & Zanon, 2011). Esse instrumento acessa um único fator, composto por 10 itens, que afere o nível de autoestima global do indivíduo. Os itens são respondidos em uma escala de concordância de quatro pontos, sendo 1 = discordo totalmente e 4 = concordo totalmente. No estudo de adaptação, a escala apresentou índice de consistência interna, alfa de Cronbach, igual a 0,90.

Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes, Hutz & Nunes, 2010). Esse instrumento avalia a personalidade a partir do modelo dos Cinco Grandes Fatores. Os fatores são neuroticismo, socialização, extroversão, realização e abertura. O instrumento contém 126 itens, respondidos em escala de concordância de sete pontos em que o participante indica quão bem cada item o descreve. Os índices de consistência interna, alfa de Cronbach, variam de 0,74 a 0,89.

4.3

Procedimentos

De coleta.

A pesquisa foi divulgada por meio das redes sociais do pesquisador e por e-mail. Os participantes somente respondiam ao questionário quando aceitavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

De análises.

No primeiro momento, procedeu-se a limpeza e organização do banco de

dados (e.g., exclusão de participantes que marcaram que não leram completamente a descrição da pessoa). A partir do conteúdo das recordações dos participantes, eles foram classificados por quatro juízes quanto a quais traços de personalidade eles recordaram da pessoa do texto. As classificações utilizaram as definições dos fatores de personalidade contidas na Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes et al., 2010). As classificações foram avaliadas por quatro juízes independentes e analisadas por meio do Kappa de Fleiss para verificar o grau de concordância entre as classificações. Foram analisadas as cinco primeiras recordações por participante e, portanto, calculados cinco coeficientes Kappa de Fleiss. Foram criadas duas variáveis para cada fator de personalidade. Na primeira, computou-se a quantidade de recordações referentes ao fator de personalidade; na segunda, computou-se a recordação ou não do fator, independentemente da quantidade de recordações (e.g., se o participante citou as palavras representativas do fator extroversão, ele recebia o valor 1, se ele não citou, recebia o valor 0).

Além disso, os escores de cada fator de personalidade foram convertidos para escores-z a fim de criar uma classificação de baixo, médio e alto em cada um dos fatores de personalidade. Os participantes foram classificados como esquemático-alto no fator quando apresentavam escores z acima +1 DP, esquemático-baixo, quando o escore z era menor do que -1 DP, e asquemáticos no fator quando o escore z estava entre -1 e +1.

Após essas categorizações e classificação da amostra, foram conduzidos testes de χ^2 , testes *t*, ANOVAs Fatoriais (2x2x2) e análises de moderação. As análises de dados foram realizadas para as quatro combinações entre gênero do participante e da personagem (homens que leram sobre homens; homens que

leram sobre mulheres; mulheres que leram sobre homens; mulheres que leram sobre mulheres).

5

Resultados

A Tabela 1 apresenta a proporção de participantes para cada condição experimental. O teste do χ^2 indicou não haver associação entre o gênero dos participantes e o gênero da personagem $\chi^2 (1) = 0,48; p = 0,85; \nu = 0,003$. Isso era esperado dado à alocação aleatória dos participantes nas duas condições da personagem (personagem homem, personagem mulher).

Tabela 1
Frequência de Participantes por Gênero dos Participantes e Gênero dos Personagens

Gênero Participante	Gênero Personagem	
	Homem	Mulher
Homem	52,3%	47,7%
Mulher	51,9%	48,1%

As análises do Kappa de Fleiss indicaram que as categorizações dos quatro juízes apresentaram alto grau de concordância para todos os fatores de personalidade. Os juízes realizaram as categorizações independentemente. A Tabela 2 apresenta os coeficientes Kappa de Fleiss de até cinco recordações por participante.

Tabela 2
Concordância entre Juízes

	Coeficiente Kappa de Fleiss
Média	0,87
Primeira palavra recordada	0,88
Segunda palavra recordada	0,86
Terceira palavra recordada	0,85

Quarta palavra recordada	0,88
Quinta palavra recordada	0,85

As correlações entre o número de recordações de cada fator e o nível do participante em cada fator da personalidade podem ser vistas nas Tabelas 3 e 4. Os resultados são apresentadas separadamente para cada condição experimental. Destacam-se os baixos valores de correlação, apesar de serem no sentido esperado. Por conta desses resultados, as análises posteriores foram realizadas com agrupamentos de pessoas em esquemáticos altos, baixos e asquemáticos.

Tabela 3

Tabela de Correlação entre Número de Recordações e Fatores de Personalidade Para Gênero Oposto

	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Contagem Extroversão	-0,07**	-0,05*	0,06**	0,05*	0,002	0,01	0,01	0,02	0,05*
2. Contagem Socialização		0,05*	-0,005	-,06**	0,008	0,06**	0,003	-0,002	-0,02
3. Contagem Neuroticismo			0,003	-,05*	0,0006	0,007	-0,02	0,004	0,03
4. Contagem Realização				-,04*	0,01	0,004	-0,01	-0,006	0,04
5. Contagem Abertura					-0,004	-0,05*	0,01	0,01	0,03
6. Extroversão						0,08**	-0,24**	0,24**	0,30**
7. Socialização							-0,34**	0,20**	-0,15**
8. Neuroticismo								-0,30**	0,07**
9. Realização									0,06**
10. Abertura									

Nota. *p < 0,05; **p < 0,01.

Os coeficientes em negrito destacam as correlações entre os mesmos fatores de personalidade.

Tabela 4

Tabela de Correlação entre Número de Recordações e Fatores de Personalidade Para Mesmo Gênero

	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Contagem Extroversão	-0,10**	-0,03	0,06**	0,07**	-0,05*	0,01	-0,001	0,01	0,01
2. Contagem Socialização		0,02	-0,001	-0,003	0,04	0,10**	-0,04*	0,01	-0,01
3. Contagem Neuroticismo			-0,005	-0,005	-0,002	0,05*	-0,07**	0,05*	0,02
4. Contagem Realização				-0,07**	0,02	0,002	-0,02	0,02	0,04
5. Contagem Abertura					-0,03	-0,02	-0,001	-0,02	-0,03
6. Extroversão						0,10**	-0,28**	0,26**	0,27**

7. Socialização	-0,32**	0,24**	-0,14**
8. Neuroticismo		-0,29**	0,04*
9. Realização			0,07**
10. Abertura			

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Os coeficientes em negrito destacam as correlações entre os mesmos fatores de personalidade.

Os testes de associação entre ser esquemático alto, baixo ou esquemático nos fatores de personalidade e ter recordado os fatores de personalidade da personagem podem ser vistos nas Tabelas 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14. Destaca-se que para a condição em que homens leram sobre homens, no fator socialização, o teste do χ^2 indicou associação entre o grupo de esquemáticos alto e recordar socialização, $\chi^2(2) = 6,61$; $p = 0,037$; $v = 0,09$. Para o fator extroversão, houve associação entre o grupo esquemáticos baixo e recordar extroversão $\chi^2(2) = 6,28$; $p = 0,043$; $v = 0,09$. Para o fator abertura, houve associação entre os esquemáticos altos e recordar realização $\chi^2(2) = 8,43$; $p = 0,015$; $v = 0,10$. Não houve associações para homens que leram sobre mulheres.

Tabela 5

Associação entre Esquemático para Socialização e Recordar Fatores de Personalidade, para Homens, nas Duas Condições Experimentais

Socialização	Personagem homem				Personagem mulher			
	% de participantes		χ^2	<i>p</i>	% de participantes		χ^2	<i>p</i>
	Não Citou	Citou			Não Citou	Citou		
Socialização				Socialização				
Esquemático alto	48,1	51,9	6,61	0,04	64,4	35,6	0,32	0,85
Asquemático	63,2	36,8			64,3	35,7		
Esquemático baixo	62,0	38			62	38		
Extroversão				Extroversão				
Esquemático Alto	57,0	43	1,37	0,50	50,8	49,2	2,22	0,33
Asquemático	53,2	46,8			45,6	54,4		
Esquemático Baixo	57,7	42,3			51,6	48,4		
Realização				Realização				
Esquemático Alto	64,6	35,4	0,17	0,92	66,1	33,9	0,003	0,99
Asquemático	64	36			66	34		
Esquemático Baixo	62,5	37,5			65,8	34		
Neuroticismo				Neuroticismo				
Esquemático Alto	87,3	12,7	0,51	0,78	88,1	11,9	0,46	0,79
Asquemático	87,6	12,4			88,4	11,6		
Esquemático Baixo	89,4	10,3			90,2	9,8		
Abertura				Abertura				
Esquemático Alto	86,1	13,9	0,52	0,77	71,2	28,8	5,88	0,053
Asquemático	83	17			82,1	17,9		
Esquemático Baixo	82,7	17,3			76,1	23,9		

Nota. Os números em negrito indicam associações significativas

Tabela 6

Associação entre Esquemático para Extroversão e Recordar Fatores de Personalidade, para Homens, nas Duas Condições Experimentais

Personagem homem					Personagem mulher			
Extroversão	% de participantes				% de participantes			
	Não Citou	Citou	χ^2	p	Não Citou	Citou	χ^2	p
Socialização					Socialização			
Esquemático alto	57,1	42,9			60	40		
Asquemático	61,5	38,5	0,92	0,63	64,7	35,3	0,82	0,66
Esquemático baixo	63,2	36,8			62,5	37,5		
Extroversão					Extroversão			
Esquemático Alto	62,6	37,4			42,2	57,8		
Asquemático	55,8	44,2	6,28	0,04	48,7	51,3	1,31	0,52
Esquemático Baixo	47,4	52,6			46,9	53,1		
Realização					Realização			
Esquemático Alto	62,6	37,4			62,2	37,8		
Asquemático	64,4	35,6	0,37	0,83	66,7	33,3	0,68	0,71
Esquemático Baixo	62	38			65,6	34,4		
Neuroticismo					Neuroticismo			
Esquemático Alto	85,7	14,3			88,9	11,1		
Asquemático	87,6	12,4	1,66	0,44	88,6	11,4	0,15	0,93
Esquemático Baixo	90,6	9,4			89,8	10,2		
Abertura					Abertura			
Esquemático Alto	81,3	18,7			77,8	22,2		
Asquemático	84,4	15,6	1,52	0,47	80,4	19,6	0,57	0,75
Esquemático Baixo	80,7	19,3			78,1	21,9		

Nota. Os números em negrito indicam associações significativas

Tabela 7

Associação entre Esquemático para Realização e Recordar Fatores de Personalidade, para Homens, nas Duas Condições Experimentais

Realização	Personagem homem				Personagem mulher			
	% de participantes		χ^2	<i>p</i>	% de participantes		χ^2	<i>p</i>
	Não Citou	Citou			Não Citou	Citou		
Socialização				Socialização				
Esquemático alto	61,7	38,3	0,18	0,91	58,9	41,1	2,22	0,33
Asquemático	60,9	39,1			65,4	34,6		
Esquemático baixo	63	37			60,4	39,6		
Extroversão				Extroversão				
Esquemático Alto	60	40	3,62	0,16	48,2	51,8	0,02	0,99
Asquemático	55,1	44,9			47,4	52,6		
Esquemático Baixo	47,9	52,1			47,5	52,5		
Realização				Realização				
Esquemático Alto	60,8	39,2	0,61	0,74	69,6	30,4	1,33	0,51
Asquemático	63,9	36,1			64,6	35,4		
Esquemático Baixo	65,5	34,5			68,3	31,7		
Neuroticismo				Neuroticismo				
Esquemático Alto	83,3	16,7	3,14	0,21	93,8	6,2	5,26	0,07
Asquemático	88,7	11,3			87,2	12,8		
Esquemático Baixo	89,9	10,1			92,1	7,9		
Abertura				Abertura				
Esquemático Alto	83,3	16,7	0,29	0,86	80,4	19,6	0,06	0,97
Asquemático	82,8	17,2			79,4	20,6		
Esquemático Baixo	84,9	15,1			80,2	19,8		

Tabela 8

Associação entre Esquemático para Neuroticismo e Recordar Fatores de Personalidade, para Homens, nas Duas Condições Experimentais

Personagem homem					Personagem mulher			
Neuroticismo	% de participantes				% de participantes			
	Não Citou	Citou	χ^2	p	Não Citou	Citou	χ^2	p
Socialização					Socialização			
Esquemático alto	66,4	33,6			62	38		
Asquemático	62,3	37,7	4,56	0,1	63,3	36,7	0,54	0,76
Esquemático baixo	54	46			66,2	33,8		
Extroversão					Extroversão			
Esquemático Alto	54,5	45,5			48	52		
Asquemático	55,4	44,6	0,37	0,83	47,6	52,4	0,02	0,99
Esquemático Baixo	52,5	47,5			47,2	52,8		
Realização					Realização			
Esquemático Alto	68,2	31,8			69	31		
Asquemático	62,6	37,4	1,22	0,54	64,8	35,2	0,88	0,64
Esquemático Baixo	64	36			67,6	32,4		
Neuroticismo					Neuroticismo			
Esquemático Alto	90,9	9,1			85	15		
Asquemático	88,8	11,2	4,91	0,09	89,5	10,5	1,76	0,41
Esquemático Baixo	82,7	17,3			89,4	10,6		
Abertura					Abertura			
Esquemático Alto	82,7	17,3			81	19		
Asquemático	83,6	16,4	0,23	0,89	78,8	21,2	0,67	0,71
Esquemático Baixo	82	18			81,7	18,3		

Tabela 9

Associação entre Esquemático para Abertura e Recordar Fatores de Personalidade, para Homens, nas Duas Condições Experimentais

Personagem homem		Personagem mulher						
Abertura	% de participantes				% de participantes			
	Não Citou	Citou	χ^2	p	Não Citou	Citou	χ^2	p
Socialização		Socialização						
Esquemático alto	58,6	41,4	2,31	0,31	67	33	1,75	0,42
Asquemático	60,7	39,3			64	36		
Esquemático baixo	67,2	32,8			58,4	41,6		
Extroversão		Extroversão						
Esquemático Alto	59,4	40,6	1,5	0,47	45,9	54,1	0,78	0,68
Asquemático	53,5	46,5			47,2	52,8		
Esquemático Baixo	55,2	44,8			51,5	48,5		
Realização		Realização						
Esquemático Alto	52,6	47,4	8,43	0,015	66,1	33,9	0,11	0,95
Asquemático	65,8	34,2			65,6	34,4		
Esquemático Baixo	66,4	33,6			67,3	32,7		
Neuroticismo		Neuroticismo						
Esquemático Alto	86,5	13,5	5,7	0,06	91,7	8,3	1,14	0,57
Asquemático	87	13			88,2	11,8		
Esquemático Baixo	94,4	5,6			89,1	10,9		
Abertura		Abertura						
Esquemático Alto	85,7	14,3	0,89	0,64	79,8	20,2	0,91	0,63
Asquemático	82,4	17,6			79	21		
Esquemático Baixo	84	16			83,2	16,8		

Nota. Os números em negrito indicam associações significativas

Para as mulheres que leram o texto sobre uma mulher, no fator socialização, houve associação entre o grupo de esquemáticos alto e recordar socialização, $\chi^2 (2) = 19,8$; $p < 0,001$; $v = 0,12$, e neuroticismo, $\chi^2 (2) = 8,78$; $p = 0,012$; $v = 0,08$. Para o fator extroversão, houve associação entre o grupo de esquemáticas baixas e recordar neuroticismo, $\chi^2 (2) = 6,47$; $p = 0,04$; $v = 0,07$. Para realização, verificou-se associação o grupo de esquemáticas altas e recordar socialização $\chi^2 (2) = 9,21$; $p = 0,010$; $v = 0,08$. Para abertura, teve associação entre o grupo de asquemáticas e recordar extroversão $\chi^2 (2) = 10,5$; $p = 0,005$; $v = 0,085$. Na condição em que mulheres leram sobre homens, no fator abertura, verificou-se associação entre ser esquemática alta e recordar realização $\chi^2 (2) = 7,28$; $p = 0,026$; $v = 0,07$.

Tabela 10

Associação entre Esquemático para Socialização e Recordar Fatores de Personalidade, para Mulheres, nas Duas Condições Experimentais

Personagem homem					Personagem mulher			
Socialização	% de participantes				% de participantes			
	Não Citou	Citou	χ^2	p	Não Citou	Citou	χ^2	p
Socialização					Socialização			
Esquemático alto	51,3	48,7	1,94	0,38	43,4	56,6	19,8	0,0001
Asquemático	53,6	46,4			55,7	44,3		
Esquemático baixo	57,9	42,1			63,1	36,9		
Extroversão					Extroversão			
Esquemático Alto	47,8	52,2	0,18	0,91	48,5	51,5	0,19	0,91
Asquemático	48,5	51,5			48,7	51,3		
Esquemático Baixo	46,8	53,2			46,9	53,1		

Realização					Realização			
Esquemático Alto	59,9	40,1	1,36	0,51	61,6	38,4	1,06	0,59
Asquemático	61,3	38,7			58,3	41,7		
Esquemático Baixo	56,7	43,3			58,1	41,9		
Neuroticismo					Neuroticismo			
Esquemático Alto	86,5	13,5	4,19	0,12	83,8	16,2	8,79	0,01
Asquemático	89,4	10,6			90,1	9,9		
Esquemático Baixo	84,8	15,2			88,8	11,2		
Abertura					Abertura			
Esquemático Alto	82,7	17,3	2,75	0,25	86,9	13,1	0,97	0,62
Asquemático	82,3	17,7			84,5	15,5		
Esquemático Baixo	77,2	22,8			85	15		

Nota. Os números em negrito indicam associações significativas

Tabela 11

Associação entre Esquemático para Extroversão e Recordar Fatores de Personalidade, para Mulheres, nas Duas Condições Experimentais

Personagem homem					Personagem mulher			
Extroversão	% de participantes				% de participantes			
	Não Citou	Citou	χ^2	p	Não Citou	Citou	χ^2	p
Socialização					Socialização			
Esquemático alto	28,3	41,7	4,57	0,1	53,2	46,8	0,73	0,69
Asquemático	53,4	46,6			54,7	45,3		
Esquemático baixo	49,2	50,8			51,7	48,3		
Extroversão					Extroversão			
Esquemático Alto	47,9	52,1	1,41	0,49	47,2	52,8	5,11	0,08

Asquemático	49	51			50,3	49,7		
Esquemático Baixo	44,8	55,2			42,2	57,8		
Realização					Realização			
Esquemático Alto	58	42	1,04	0,59	61,6	38,4	2,43	0,29
Asquemático	60,9	39,1			59,3	40,7		
Esquemático Baixo	61,9	38,1			54,8	45,2		
Neuroticismo					Neuroticismo			
Esquemático Alto	89,2	10,8	2,02	0,36	92,8	7,2	6,47	0,04
Asquemático	87,5	12,5			88,3	11,7		
Esquemático Baixo	90,5	9,5			85,7	14,3		
Abertura					Abertura			
Esquemático Alto	82,3	17,7	0,83	0,66	84	16	1,42	0,49
Asquemático	82,1	17,9			85,8	14,2		
Esquemático Baixo	79,8	20,2			83	17		

Tabela 12

Associação entre Esquemático para Realização e Recordar Fatores de Personalidade, para Mulheres, nas Duas Condições Experimentais

Personagem homem					Personagem mulher			
Realização	% de participantes				% de participantes			
	Não Citou	Citou	χ^2	p	Não Citou	Citou	χ^2	p
Socialização					Socialização			
Esquemático alto	57,3	42,7	1,7	0,43	46,5	53,5	9,21	0,01
Asquemático	53,1	46,9			56,7	43,3		
Esquemático baixo	52	48			50,8	49,2		
Extroversão					Extroversão			

Esquemático Alto	48,8	51,2	0,36	0,84	48,1	51,9	2,79	0,25	
Asquemático	47,6	52,4			47,3	52,7			
Esquemático Baixo	49,6	50,4			53,3	46,7			
Realização				Realização					
Esquemático Alto	59,8	40,2	0,11	0,95	61,3	38,7	1,29	0,52	
Asquemático	60,8	39,2			59,1	40,9			
Esquemático Baixo	60,2	39,8			56,2	43,8			
Neuroticismo				Neuroticismo					
Esquemático Alto	91,1	8,9	3,37	0,18	87,2	12,8	2,82	0,24	
Asquemático	87,3	12,7			88,2	11,8			
Esquemático Baixo	89,8	10,2			91,7	8,3			
Abertura				Abertura					
Esquemático Alto	82,5	17,5	1	0,61	86,4	13,6	2,14	0,34	
Asquemático	81,2	18,8			84,1	15,9			
Esquemático Baixo	83,7	16,3			87,5	12,5			

Nota. Os números em negrito indicam associações significativas

Tabela 13

Associação entre Esquemático para Neuroticismo e Recordar Fatores de Personalidade, para Mulheres, nas Duas Condições Experimentais

Personagem homem	Personagem mulher								
	Neuroticismo		% de participantes		Neuroticismo		% de participantes		
	Não Citou	Citou	χ^2	<i>p</i>	Não Citou	Citou	χ^2	<i>p</i>	
Socialização				Socialização					
Esquemático alto	55,3	44,7	0,38	0,83	55,2	44,8	0,73	0,7	
Asquemático	53,4	46,6			53,2	46,8			

Esquemático baixo	52,9	47,1			55,8	44,2			
Extroversão				Extroversão					
Esquemático Alto	48,6	51,4	0,96	0,92	48	52	0,03	0,98	
Asquemático	47,4	52,6			48,6	51,4			
Esquemático Baixo	50,8	49,2			48,3	51,7			
Realização				Realização					
Esquemático Alto	61,7	38,3	0,35	0,84	58	42	4,42	0,11	
Asquemático	60,6	39,4			60,7	39,3			
Esquemático Baixo	59,1	40,9			53,3	46,7			
Neuroticismo				Neuroticismo					
Esquemático Alto	90,9	9,1	2,28	0,32	91,6	8,4	2,65	0,27	
Asquemático	88	12			88	12			
Esquemático Baixo	86,8	13,2			87,9	12,1			
Abertura				Abertura					
Esquemático Alto	82,6	17,4	1,16	0,56	80,4	19,6	5,48	0,06	
Asquemático	81,1	18,9			86,3	13,7			
Esquemático Baixo	83,9	16,1			85	15			

Tabela 14

Associação entre Esquemático para Abertura e Recordar Fatores de Personalidade, para Mulheres, nas Duas Condições Experimentais

Personagem homem	Personagem mulher								
	Abertura		% de participantes		Abertura		% de participantes		
	Não Citou	Citou	χ^2	p	Não Citou	Citou	χ^2	p	
Socialização				Socialização					
Esquemático alto	57	43	1,49	0,47	60,1	39,9	4,55	0,1	
Asquemático	52,9	47,1			53,4	46,6			
Esquemático baixo	53	47			50,4	49,6			

Extroversão					Extroversão			
Esquemático Alto	45,2	54,8	1,24	0,54	53,2	46,8	10,5	0,005
Asquemático	48,4	51,6			45,6	54,4		
Esquemático Baixo	50	50			56,1	43,9		
Realização					Realização			
Esquemático Alto	55,1	44,9	7,28	0,03	53,2	46,8	3,65	0,16
Asquemático	60,4	39,6			60,2	39,8		
Esquemático Baixo	66,9	33,1			59,1	40,9		
Neuroticismo					Neuroticismo			
Esquemático Alto	85,9	14,1	3,22	0,2	90,4	9,6	1,2	0,55
Asquemático	88,3	11,7			88	12		
Esquemático Baixo	91,1	8,9			89,6	10,4		
Abertura					Abertura			
Esquemático Alto	81	19	1,23	0,54	84,9	15,1	0,03	0,98
Asquemático	81,4	18,6			85,2	14,8		
Esquemático Baixo	84,3	15,7			84,8	15,2		

Nota. Os números em negrito indicam associações significativas

Em seguida, procederam-se testes de diferenças de médias dos níveis dos fatores de personalidade entre quem lembrou e não lembrou o respectivo fator de personalidade da personagem. As médias e desvios-padrões dos níveis de personalidade dos participantes, de acordo com a condição experimental e recordação do fator, podem ser vistas nas Tabelas 15, 16, 17, 18, 19.

Tabela 15

Estatísticas Descritivas do Fator Extroversão

	Participante Homem				Participante Mulher			
	Citou		Não citou		Citou		Não citou	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Personagem Homem	4,32	1,04	4,54	0,97	4,64	1,02	4,68	0,97
Personagem Mulher	4,53	0,99	4,47	0,96	4,6	1,05	4,68	0,99

Tabela 16

Estatísticas Descritivas do Fator Socialização

	Participante Homem				Participante Mulher			
	Citou		Não citou		Citou		Não citou	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Personagem Homem	4,95	0,88	4,86	0,82	5,36	0,71	5,3	0,72
Personagem Mulher	4,91	0,78	4,91	0,74	5,44	0,74	5,27	0,7

Tabela 17

Estatísticas Descritivas do Fator Neuroticismo

	Participante Homem				Participante Mulher			
	Citou		Não citou		Citou		Não citou	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Personagem Homem	3,36	1,18	3,65	1,14	3,62	1,1	3,73	1,16
Personagem Mulher	3,64	1,24	3,59	1,11	3,56	1,12	3,76	1,19

Tabela 18

Estatísticas Descritivas do Fator Abertura

	Participante Homem				Participante Mulher			
	Citou		Não citou		Citou		Não citou	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>

Personagem Homem	5,06	0,83	5,09	0,88	5,14	0,83	5,09	0,86
Personagem Mulher	5,18	0,79	5,11	0,86	5,02	0,92	5,1	0,87

Tabela 19

Estatísticas Descritivas do Fator Realização

	Participante Homem				Participante Mulher			
	Citou		Não citou		Citou		Não citou	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Personagem Homem	5,28	0,85	5,24	0,84	5,28	0,88	5,27	0,87
Personagem Mulher	5,25	0,79	5,31	0,86	5,25	0,88	5,29	0,88

Na condição em que os homens leram um texto sobre um homem, aqueles que recordaram extroversão apresentaram níveis significativamente menores de extroversão ($M = 4,32$; $DP = 1,04$) do que aqueles que não recordaram esse fator ($M = 4,54$; $DP = 0,97$), $t(785) = 3,06$; $p = 0,002$; $d = 0,22$. Aqueles que recordaram neuroticismo ($M = 3,36$; $DP = 1,18$) apresentaram níveis significativamente menores do que aqueles que não recordaram esse fator ($M = 3,65$; $DP = 0,70$), $t(785) = 2,33$; $p = 0,020$; $d = 0,26$.

Para o fator socialização, na condição em que mulheres leram um texto sobre uma mulher, aquelas que recordaram socialização ($M = 5,44$; $DP = 0,74$) apresentaram níveis de socialização significativamente maiores do que as que não recordaram ($M = 5,27$; $DP = 0,70$), $t(1432) = -4,44$; $p < 0,001$; $d = 0,24$. No que diz respeito ao fator neuroticismo, aquelas que citaram esse fator ($M = 3,56$; $DP = 1,12$) apresentaram níveis significativamente menores do que aquelas que não recordaram ($M = 3,76$; $DP = 1,19$), $t(1432) = 2,06$; $p = 0,039$; $d = 0,17$. Em relação aos fatores realização e abertura, não foram encontradas diferenças significativas entre quem recordou ou não recordou.

Ainda em busca de testar diferenças de médias nos fatores de personalidade dos participantes entre quem recordou e não recordou a característica de

personalidade da personagem, realizaram-se ANOVAs fatoriais incluindo-se o gênero do participante, o gênero da personagem, ter recordado ou não o fator de personalidade e os níveis do respectivo fator de personalidade do participante como variável desfecho. Para neuroticismo, realização e abertura não houve efeitos significativos para gênero do participante (neuroticismo: $F(1, 4480) = 3,67$; $p > 0,05$; $\eta_p^2 = 0,0008$; realização: $F(1, 4480) = 0,155$; $p > 0,05$; $\eta_p^2 = 0,00003$; abertura: $F(1, 4480) = 0,504$; $p > 0,05$; $\eta_p^2 = 0,0001$) e nem efeitos de interação (neuroticismo: $F(1, 4480) = 3,63$; $p > 0,05$; $\eta_p^2 = 0,0008$; realização: $F(1, 4480) = 0,256$; $p > 0,05$; $\eta_p^2 = 0,00005$; abertura: $F(1, 4480) = 2,75$; $p > 0,05$; $\eta_p^2 = 0,0006$). Contudo, para socialização e extroversão, as análises indicaram tanto efeitos simples quanto interações.

Em relação à socialização, os resultados da ANOVA demonstraram um efeito estatisticamente significativo para gênero do participante, $F(1, 4480) = 325,6$; $p < 0,001$; $\eta_p^2 = 0,068$; e ter ou não recordado uma característica de socialização, $F(1, 4480) = 11,2$; $p < 0,001$; $\eta_p^2 = 0,002$, bem como para a interação entre estas duas variáveis com o gênero da personagem $F(1,4480) = 4,20$; $p = 0,04$; $\eta_p^2 = 0,009$. Já para extroversão, os resultados da ANOVA demonstraram um efeito estatisticamente significativo para gênero do participante, $F(1, 4480) = 34,4$; $p < 0,001$; $\eta_p^2 = 0,008$; e ter ou não recordado uma característica de extroversão, $F(1, 4480) = 4,76$; $p = 0,029$; $\eta^2 = 0,001$, bem como para a interação entre essas duas variáveis com o gênero da personagem $F(1,4480) = 6,02$; $p = 0,014$; $\eta_p^2 = 0,001$.

Por fim, testou-se o papel moderador da autoestima nas diferenças de médias dos fatores de personalidade entre quem recordou ou não o respectivo fator de personalidade da personagem. A análise de moderação mostrou que, para

mulheres que leram um texto sobre uma mulher, foi identificado tanto um efeito direto de ter ou não recordado socialização ($B = 0,17$; $t = 4,80$; $p < 0,001$) quanto o efeito moderador da autoestima ($B = 0,12$; $t = 2,11$; $p = 0,034$). Mais precisamente, para altos níveis de autoestima, o poder preditivo da variável recordou-não recordou se demonstrou mais acentuado ($B = 0,25$; $t = 4,88$; $p < 0,001$), enquanto para baixos níveis de autoestima, ter ou não recordado foi um preditor marginalmente significativo. Dessa forma, aumentos nos escores de socialização estão associados a maior probabilidade de as mulheres terem recordado características de socialização da personagem mulher. Esse resultado está ilustrado na Figura 1.

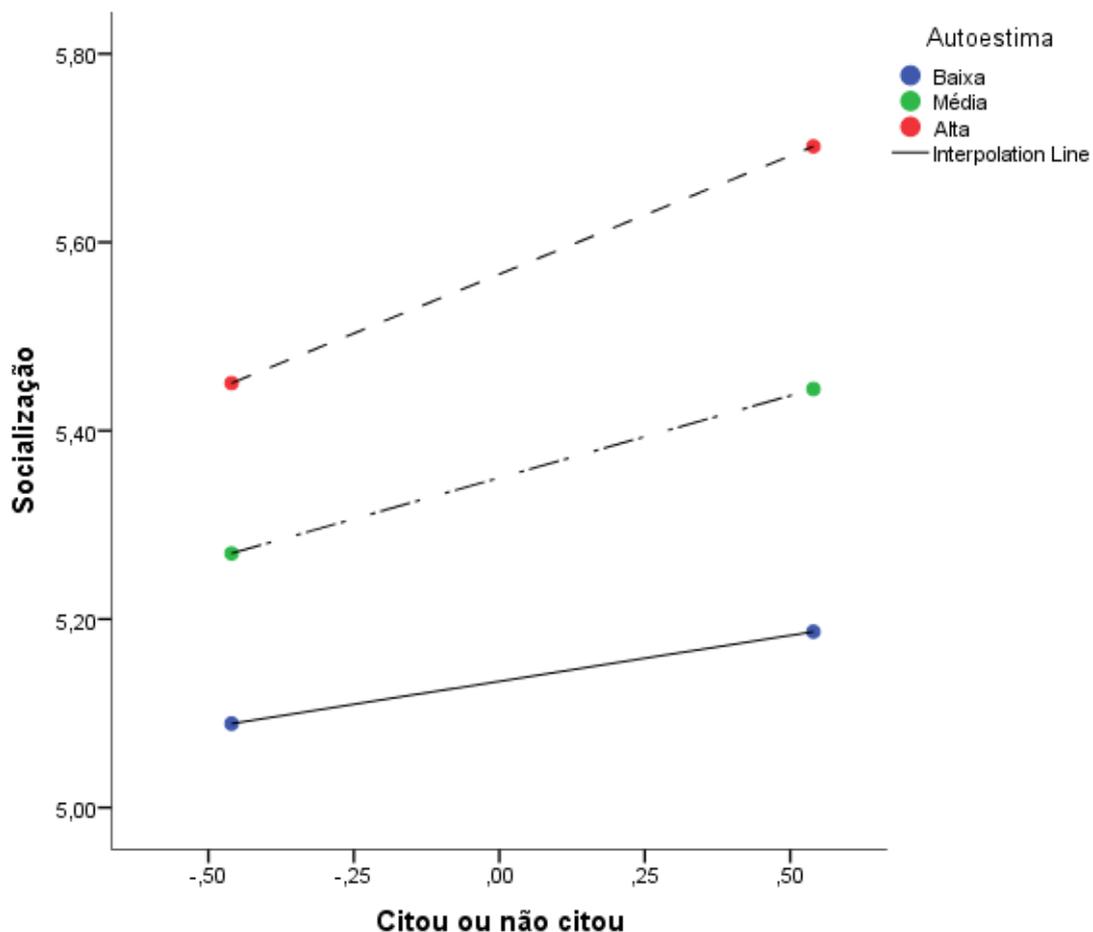


Figura 1. Moderação da autoestima na relação entre citou ou não citou

socialização e os níveis de socialização.

Para os homens que leram um texto sobre um homem, os resultados indicaram um efeito direto de ter ou não recordado extroversão sobre os níveis de extroversão ($B = -0,21$; $t = 3,26$; $p = 0,001$), mas a autoestima não moderou essa relação ($B = 0,039$; $t = 0,36$; $p = 0,71$). Ou seja, independentemente do nível de autoestima do respondente, o poder preditivo de ter ou não recordado se manteve o mesmo. Nas condições em que os participantes leram o texto de uma pessoa do gênero oposto não houve efeitos diretos nem moderados.

6

Discussão

Essa pesquisa teve como objetivo avaliar como os autoesquemas de personalidade e de gênero influenciam a recordação de características de personalidade de terceiros. Ainda, buscou-se avaliar o impacto da autoestima nessa relação. Para tanto, realizou-se um experimento para avaliar o grau em que pessoas com altos níveis nos fatores de personalidade lembrariam de características de personalidade de terceiros comparadas a pessoas com níveis baixos ou medianos.

A partir dos resultados obtidos, algumas conclusões gerais podem ser feitas. A primeira delas diz respeito à importância de dois fatores de personalidade na recordação: socialização e extroversão. Os resultados das diferentes análises mostraram que os fatores socialização e extroversão apresentaram efeitos significativos, entende-se que isso pode ter ocorrido devido a maior relevância desses fatores para contextos sociais (Andrade, 2008; Power & Pluess, 2015). Como previamente mencionado, pessoas extrovertidas têm maior tendência à estimulação social, enquanto as introvertidas preferem evitar a companhia de outras pessoas (John et al., 2010). Paralelamente, a socialização se caracteriza por uma orientação em direção aos demais, incluindo traços como altruísmo e confiança. Portanto, entende-se que para um contexto complexo em que diferentes características de personalidade estão presentes simultaneamente, a socialização e extroversão mostram maior relevância por serem mais predominantes nas relações interpessoais (John et al., 2010).

A segunda conclusão geral está relacionada ao efeito do gênero da

personagem na recordação. Os efeitos encontrados ocorreram quando as pessoas leram sobre uma personagem do seu mesmo gênero. Esses resultados podem ser entendidos à luz da influência do autoesquema de gênero sobre a recuperação de informações. Mais especificamente, entende-se que pelas pessoas possuírem seus autoesquemas de gênero fortemente associados a si, as recordações de características semelhantes às suas foram mais frequentes quando viram pessoas do mesmo gênero. Esses resultados estão alinhados aos postulados de Bem (1981) que sugerem que o armazenamento das informações pode sofrer influência do autoesquema de gênero.

A terceira conclusão geral refere-se aos resultados da análise de moderação no fator socialização para mulheres que leram sobre uma personagem mulher. Esse resultado indica que o poder preditivo da variável citou ou não citou foi mais elevado para pessoas com altos níveis de autoestima do que para aquele com níveis medianos e baixos. Do ponto de vista teórico, esse resultado está de acordo com o postulado, uma vez que se entende que a autoestima interfere no processamento de informações relevantes ao autoconceito (Leshikar & Gutchess, 2015). Em outras palavras, devido à valência positiva que os traços avaliados possuem para os respondentes, o Efeito de Autorreferência ocorreu de maneira mais acentuada para pessoas que avaliam seu autoconceito mais positivamente e que apresentavam elevados níveis de socialização do que para aqueles com níveis médios e baixos de autoestima e socialização. Por fim, para os homens que leram um texto sobre um personagem homem, a autoestima não moderou a relação entre recordar ou não recordar uma característica de extroversão e o nível de extroversão dos participantes. Assim, apesar do Efeito de Autorreferência ocorrer, ele não foi impactado pelos níveis de autoestima.

A possível incoerência entre homens baixos em extroversão lembrarem mais frequentemente de características de extroversão pode ser explicada pela desejabilidade social. Estudos como os de Bäckström & Björklund (2014) e Furnham (1986) indicam que a extroversão é avaliada como um traço desejável socialmente. Por essa razão, pessoas com baixos níveis de extroversão podem recordar dessas características em maior grau por elas desejarem ter níveis de extroversão parecidos (Hutz, 2014).

Contudo, alguns resultados encontrados não contemplavam as hipóteses da pesquisa. De modo geral, esses resultados podem ser compreendidos à luz do pressuposto 7 (Função Atencional dos Esquemas) que também pode agir como viés de saliência (Tversky & Kahneman, 1974). Esse viés diz respeito à tendência que indivíduos têm em focalizar a atenção aos estímulos mais salientes que, por vezes, são salientes por serem evidentemente contrários aos esquemas da pessoa.

Por exemplo, na condição em que os participantes leram sobre um personagem homem, aqueles classificados como esquemáticos altos em abertura citaram realização com mais frequência do que os outros dois grupos. Por esse resultado se apresentar independente do gênero do participante, esse efeito pode ter se dado pelas características desses traços de personalidade. Mais precisamente, por pessoas altas em abertura tenderem a experimentar novas experiências, terem pensamentos não convencionais e serem mais abertas no que diz respeito a tomadas de decisão, quando elas se deparam com alguém com altos níveis de realização (que diz respeito a disciplina e atingir objetivos) (John et al., 2010), essas características podem ser mais salientes por serem muito diferentes de suas próprias características.

Outros resultados não contemplados pelas hipóteses são aqueles

encontrados na condição em que as participantes mulheres leram um texto sobre uma personagem mulher. Para esquemáticas altas em socialização e esquemáticas baixas em extroversão, houve associação entre esses grupos e recordar neuroticismo. Uma possível explicação para esses resultados pode ser dada pela combinação de conclusões de estudos que encontraram que mulheres tendem a ter maiores níveis de neuroticismo (Lynn & Martin, 1997) e outros que indicam uma correlação negativa entre neuroticismo e deseabilidade social (Brajša-Žganec, Ivanović, & Kaliterna Lipovčan, 2011). Dessa forma, entende-se que, particularmente para as mulheres altas em socialização e baixas em extroversão, as características de neuroticismo foram recordadas em maior grau por serem características tanto socialmente almejadas quanto possivelmente ausente para elas mesmas.

Ainda, a possível explicação para as mulheres categorizadas como esquemáticas altas em realização que citaram características de socialização, pode ser vista na relação entre esses fatores e o viés de saliência. Assim, por pessoas altas em realização serem mais propensas a traçar metas e delinear planos mais racionais, elas podem codificar informações a respeito de socialização em maior grau, visto que altos níveis desse traço estão associados a comportamentos relativamente distintos como ajuda ao próximo e de afeição.

Outro ponto relevante é o tamanho de efeito encontrado nos resultados. Diferentemente dos estudos anteriores, os tamanhos de efeito da presente pesquisa são pequenos (Markus et al., 1985; Howell & Zelenski, 2017; Sentis & Burnstein, 1979). Contudo, isso pode se dar devido à complexidade desse experimento frente aos outros. Portanto, pelos efeitos encontrados na presente pesquisa não terem sido comparativamente grandes, isso por ser justificado pela maior proximidade

do experimento com uma situação real de interação social, onde os indivíduos se deparam com diversas características dos outros. Dessa maneira, a realização de mais pesquisas com grau de complexidade semelhante e com amostras distintas podem ser realizadas para investigar o quão semelhantes são os tamanhos de efeito encontrados.

Das limitações da pesquisa, destaca-se o texto da pessoa descrita. Com o intuito de deixar a descrição da personagem menos suscetível a escolhas apenas de fatores de personalidade e a descrição mais próxima da realizada, foram incluídas outras características para além da personalidade. Entende-se que essa forma de realizar o experimento pode causar alguma influência na recordação dos participantes. Contudo, isso não deve ter interferido no impacto da VI sobre a VD, pois o texto era o mesmo em todas as condições exceto pela VI. Ainda assim, sugere-se que outros estudos utilizem um texto mais conciso e inclua apenas descrições que digam respeito aos cinco grandes fatores de personalidade.

Além disso, uma outra relevante limitação da presente pesquisa foi sua amostra. Visto que a maior parte da amostra possui elevados níveis de educação, se autodeclararam brancos e vivem em um país industrializado e democrático, pode-se classificar essa amostra como WEIRD (Western, Educated, Industrialized, Rich, and Democratic) (Henrich et al., 2010). Portanto, quando se compara essa amostra com a população brasileira, tem-se um recorde pouco representativo da população. Por exemplo, a maior parte da população encontra-se sem instrução e com ensino fundamental incompleto (IBGE, 2010). Portanto, tratando-se da generalização dos resultados, a interpretação desses achados devem ser feitos com cautela.

Futuras pesquisas podem contribuir para a área com experimentos com

maiores níveis de validade externa. Por exemplo, criar uma situação fictícia em que um confederado do pesquisador se comporte de forma a evidenciar altos níveis dos fatores de personalidade para, em seguida, avaliar quais características do confederado são recordadas pelos participantes.

7

Conclusão

O principal objetivo desse estudo foi avaliar a influência dos autoesquemas de personalidade sobre a recordação de características de personalidade de terceiros. A partir dos resultados obtidos, considera-se que os autoesquemas impactam na recordação de características, principalmente para os fatores socialização e extroversão e quando há compatibilidade de gênero. Esses resultados podem se mostrar úteis em processos avaliativos como contratação ou manutenção de cargos em empresas, bem como em processos de avaliação psicológica.

Em vista dos resultados com os fatores socialização e extroversão, novas formas complementares e indireta de se aferir esses fatores podem ser usadas. Em um contexto clínico, por exemplo, o psicólogo pode dar ao paciente um texto curto com descrições de personalidade de uma pessoa e pedir para que ele recorde as características após um tempo. Esse tipo de procedimento, em processos de avaliação psicológica, se torna vantajoso dado que não há a necessidade do psicólogo recorrer à base de instrumentos com avaliação favorável do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI). Portanto, além da utilização de testes padronizados, usar procedimentos que favoreçam a ocorrência do Efeito de Autorreferência pode agregar diferentes evidências de um mesmo fenômeno e auxiliar na avaliação psicológica.

Além disso, no diz respeito aos contextos em que a primeira impressão tem maior importância, algumas estratégias podem ser adotadas para reduzir as chances de vieses nas decisões. Uma alternativa seria a realização de reuniões com mais de um avaliador. Essa estratégia tende a diminuir o peso que vieses

individuais têm nas decisões porque a presença de mais de uma pessoa realizando a avaliação diluiria o Efeito de Autorreferência.

Apesar das limitações, entende-se que esta pesquisa contribui para o campo da Cognição Social. De fato, poucos estudos recentes foram feitos nessa área, principalmente quando se trata de pesquisas brasileiras. Contudo, mesmo os estudos que se propuseram a investigar o Efeito de Autorreferência não trouxeram diferentes aspectos metodológicos para estudar esse efeito. Por esse motivo, essa pesquisa torna-se relevante por trazer novas formas de investigação.

Nessa pesquisa, algumas alterações foram realizadas de modo a avaliar o mesmo fenômeno por diferentes métodos. Mais especificamente foi incluída a presença de uma tarefa distratora entre o momento de leitura da personagem e a recordação das características, a recordação das pessoas foi integralmente baseada em suas memórias, foi usado um teste objetivo de personalidade e todos os cinco fatores de personalidade foram empregados em uma única tarefa.

A maioria dos resultados obtidos nessa pesquisa se mostrou consonante com estudos prévios. Por exemplo, quase todas as associações significativas foram encontradas quando o gênero da personagem e do respondente eram os mesmos. Isso sustenta a tese de Bem (1981) que prevê que quando alguém se depara com outra pessoa do mesmo gênero, a recordação de características similares ao autoesquema de gênero tende a ser maior. Além disso, essa pesquisa sugere também que, para mulheres, a autoestima pode moderar a relação entre recordação e os próprios níveis de socialização. Isso se torna relevante principalmente pelo reduzido número de estudos em que a autoestima foi investigada em relação ao seu impacto no Efeito de Autorreferência.

Devido à escassez de pesquisas recentes nesse tema, a utilização de técnicas

para avaliação de características individuais ainda são muito iniciais. Entretanto, isso não quer dizer que técnicas de recordação não possam ser empregadas a fim de gerarem informações complementares aos métodos tradicionais. Além disso, a utilização de medidas indiretas são menos suscetíveis a falseamentos, o que aumenta o valor que esses resultados podem trazer.

8

Referências

- Andrade, J. M. (2008). *Evidências de Validade do Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade para o Brasil* [Tese de doutorado não publicada] Universidade de Brasília.
- Asendorpf, J. B., Banse, R., & Mücke, D. (2002). Double dissociation between implicit and explicit personality self-concept: The case of shy behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(2), 380–393. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.83.2.380>
- Bäckström, M., & Björklund, F. (2014). Social desirability in personality inventories: The nature of the evaluative factor. *Journal of Individual Differences*, 35(3), 144–157. doi:10.1027/1614-0001/a000138
- Barrick, M. R., Dustin, S. L., Giluk, T. L., Stewart, G. L., Shaffer, J. A., & Swider, B. W. (2012). Candidate characteristics driving initial impressions during rapport building: Implications for employment interview validity. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 85(2), 330-352.
- Bartlett, F. C. *Remembering*. London: Cambridge University Press, 1932.
- Bem, S. L. (1981). Gender schema theory: A cognitive account of sex typing. *Psychological Review*, 88(4), 354–364. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.88.4.354>
- Brajša-Žganec, A., Ivanović, D., & Kaliterna Lipovčan, L. (2011). Personality traits and social desirability as predictors of subjective well-being. *Psihologijske teme*, 20(2), 261-276.
- Bruner, J. S. (1957). Going beyond the information given. In H. Gruber, G. Terrel, & M. Wertheimer (Eds.), *Contemporary approaches to cognition*.

Cambridge, MA: Harvard University Press

Cantor, N. (1990). From thought to behavior: “Having” and “doing” in the study of personality and cognition. *American Psychologist*, 45(6), 735–750.

<https://doi.org/10.1037/0003-066X.45.6.735>

Carlston, D. (2010). Models of implicit and explicit mental representation. In B. Gawronski & B. K. Payne (Eds.), *Handbook of implicit social cognition: Measurement, theory, and applications* (p. 38–61). The Guilford Press.

Carlston, D. E., & Smith, E. R. (1996). Principles of mental representation. In E. T. Higgins & A. W. Kruglanski (Eds.), *Social psychology: Handbook of basic principles* (pp. 184–210). New York, NY: Guilford Press.

Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), 349–354. <https://doi.org/10.1037/h0047358>

Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (1991) *Social cognition* (2nd ed.) New York: McGraw-Hill

Furnham, A. (1986). Response bias, social desirability and dissimulation. *Personality and individual differences*, 7(3), 385-400.

Greenwald, A. G., Rudman, L. A., Nosek, B. A., Banaji, M. R., Farnham, S. D., & Mellott, D. S. (2002). A unified theory of implicit attitudes, stereotypes, self-esteem, and self-concept. *Psychological Review*, 109(1), 3–25. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.109.1.3>

Hauck Filho, N., Machado, W. de L., Teixeira, M. A. P., & Bandeira, D. R. (2012). Evidências de validade de marcadores reduzidos para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(4), 417–423. <https://doi.org/10.1590/S0102->

37722012000400007

Henrich, J., Heine, S. J., & Norenzayan, A.. (2010). The weirdest people in the world?. *Behavioral and Brain Sciences*, 33(2-3), 61–83.

<https://doi.org/10.1017/s0140525x0999152x>

Higgins, E. T., King, G. A., & Mavin, G. H. (1982). Individual construct accessibility and subjective impressions and recall. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(1), 35–47.

<https://doi.org/10.1037/0022-3514.43.1.35>

Howell, G. T., & Zelenski, J. M. (2017). Personality self-concept affects processing of trait adjectives in the self-reference memory paradigm. *Journal of Research in Personality*,

66, 1–13.

<https://doi.org/10.1016/j.jrp.2016.12.001>

Hutz, C. S. (2014). Avaliação em psicologia positiva. Porto Alegre, RS: Artmed.

Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49.

IBGE. (2010). Censo Demográfico.

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9753&t=destaques>

John, O. P., Naumann, L. P., & Soto, C. J. (2010). Paradigm shift to the integrative Big-Five trait taxonomy: History, measurement, and conceptual

issues. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed.) (pp. 114-158). New York:

Guilford Press.

LeMoult, J., & Gotlib, I. H. (2019). Depression: A cognitive perspective. *Clinical Psychology Review*,

69, 51–66. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2018.06.008>

- Leshikar, E. D., & Gutchess, A. H. (2015). Similarity to the self affects memory for impressions of others. *Journal of Applied Research in Memory and Cognition*, 4(1), 20–28. <https://doi.org/10.1016/j.jarmac.2014.10.002>
- Lynn, R., & Martin, T. (1997). Gender differences in extraversion, neuroticism, and psychoticism in 37 nations. *The Journal of Social Psychology*, 137(3), 369-373.
- Markus, H. (1977). Self-schemata and processing information about the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 35(2), 63–78. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.35.2.63>
- Markus, H., Crane, M., Bernstein, S., & Siladi, M. (1982). Self-schemas and gender. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42(1), 38–50. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.42.1.38>
- Markus, H., Smith, J., & Moreland, R. L. (1985). Role of the self-concept in the perception of others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(6), 1494–1512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.49.6.1494>
- Markus, H., & Wurf, E. (1987). The dynamic self-concept: A social psychological perspective. *Annual Review of Psychology*, 38(1), 299–337. <https://doi.org/10.1146/annurev.ps.38.020187.001503>
- Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2015). Escala reduzida de descritores dos cinco grandes fatores de personalidade: prós e contras. *Psico*, 46(1), 79. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.1.16901>
- Nunes, C. H. S., Hutz, C. S., & Nunes, M. F. O. (2010). *Bateria Fatorial de Personalidade: manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Paunonen, S. V., & Hong, R. Y. (2015). On the properties of personality traits. In M. Mikulincer, P. R. Shaver, M. L. Cooper, & R. J. Larsen (Eds.), *APA*

handbooks in psychology®. *APA handbook of personality and social psychology, Vol. 4. Personality processes and individual differences* (p. 233–259). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14343-011>

Power, R. A., & Pluess, M. (2015). Heritability estimates of the Big Five personality traits based on common genetic variants. *Translational psychiatry, 5*(7), 604-604.

Ribas, R. C., Moura, M. L. S., & Hutz, C. S. (2004). Adaptação brasileira da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. *Avaliação Psicológica, 3*(2), 83-92

Rogers, T. B., Kuiper, N. A., & Kirker, W. S. (1977). Self-reference and the encoding of personal information. *Journal of Personality and Social Psychology, 35*(9), 677–688. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.35.9.677>

Rosenberg, M. (1965). The Measurement of Self-Esteem. In M. Rosenberg (Ed.), *Society and the Adolescent Self-Image* (pp. 16-36). Princeton University Press.

Sentis, K. P., & Burnstein, E. (1979). Remembering schema-consistent information: Effects of a balance schema on recognition memory. *Journal of Personality and Social Psychology, 37*(12), 2200–2211. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.37.12.2200>

Smith, E. R. (1998). Mental representation and memory. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske & G. Lindzey (Eds.), *Handbook of social cognition* (Vol. 1, pp. 391–445). New York, NY: McGraw-Hill.

Stein, K. F. (1995). Schema model of the self-concept. *Image: The Journal of Nursing Scholarship, 27*(3), 187–193. <https://doi.org/10.1111/j.1547->

5069.1995.tb00857.x

- Sui, J., & Humphreys, G. W. (2017). The ubiquitous self: What the properties of self-bias tell us about the self. *Annals of the New York Academy of Sciences*, *1396*(1), 222–235. <https://doi.org/10.1111/nyas.13197>
- Symons, C. S., & Johnson, B. T. (1997). The self-reference effect in memory: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, *121*(3), 371–394. <https://doi.org/10.1037//0033-2909.121.3.371>
- Tversky A, Kahneman D (1974) Judgment under uncertainty: Heuristics and biases. *Science* *185*(4157):1124–1131.
- Young, J. E., & Brown, G. (1990). Young schema questionnaire. New York: *Cognitive Therapy Center of New York*.

9

Apêndice

9.1

Questionário

- 1) Perguntas sociodemográficas (orientação de gênero, escolaridade, idade, etc.)
- 2) Tarefa experimental
 - a. Descrição de uma pessoa:
 - i. A pessoa de quem estamos falando é um homem com seus 28 anos de idade com formação universitária e trabalhando em sua própria área de treinamento. Ele recebe um bom salário, o que garante independência e estabilidade financeira. Além disso, ele também tem uma família que poderia lhe dar apoio financeiro se ele precisasse. Geralmente, ele é uma pessoa muito responsável e disciplinada. Ele gosta de se levantar cedo e ir para a cama cedo. Entretanto, ele também vai a muitas festas e sai para encontrar amigos. Ele é falante e fácil de começar a conversar com qualquer pessoa. Ele também gosta de ir à exposição de artes. Ele é uma pessoa que gosta de aprender coisas novas e de filosofar sobre a vida. Seus amigos dizem que ele é uma pessoa de bom coração que está sempre pronto para ajudar qualquer um. De fato, ele é muito generoso. É difícil qualquer coisa que o aborreça seriamente. Ele é uma

pessoa calma e muito estável emocionalmente.

- b. Perguntas controle
 - i. Você leu completamente a descrição da pessoa?
Sim/Não;
 - ii. Indique quão bem você conseguiu imaginar a pessoa descrita acima. Muito mal/Mais ou menos/ Muito bem
- c. Instrumentos distratores
 - i. Desejabilidade social (Ribas, Moura, & Hutz, 2004)
 - ii. Autoestima de Rosenberg (Hutz & Zanon, 2011)
- d. Recordação de características da pessoa descrita
 - i. Pedimos que você faça um esforço e tente se lembrar de algumas coisas daquela pessoa que descrevemos para você anteriormente. Tente escrever na ordem que for lembrando, cada característica dentro de um dos espaços abaixo.
- e. Pergunta controle
 - i. Você utilizou apenas a sua memória como recurso para responder as questões acima? Sim Não (escreva o que mais utilizou)
- f. Mensuração da personalidade
 - i. Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010)